



IV SEMINÁRIO INTERNACIONAL HISTÓRIA DO TEMPO 2021 PRESENTE UDESC - FLORIANÓPOLIS - SC



HISTÓRIA PÚBLICA E LITERATURA NO ROMANCE THE LAST KINGDOM

Giovanna Marteleto do Amaral¹

Resumo: Representações da Idade Média circulam com força no Brasil através de séries, jogos, literatura e também de festivais, feiras temáticas e outras formas de produção cultural. Seja referindo-se a ela como uma era das trevas carregada de misticismo e atraso, seja como uma idílica idade de ouro cavaleiresca e harmônica. Atualmente circula pela mídia de massas uma profusão de narrativas fílmicas, literárias, performativas, que endossam e ressignificam, mas, acima de tudo, agregam algo ao imaginário popular sobre a Idade Média. Muitas dessas produções têm como origem a literatura, entre as quais se destacam os romances de Bernard Cornwell. O autor produziu, sobre a temática medieval, as trilogias As Crônicas de Artur (1995-1997) e A Busca do Graal (2000-2003) e a série Crônicas Saxônicas (2004-2019), esta última adaptada para TV. Aqui, concentro-me no primeiro livro da série, The Last Kingdom (2004), analisando como a história em torno de Alfredo o Grande na perspectiva de um jovem inglês criado por dinamarqueses (vikings) chega ao leitor. Busca-se compreender as relações que se estabelecem entre história, literatura, público e história pública observadas no romance de Cornwell.

Palavras-chaves: História Pública, Literatura, Medievalismo.

LITERATURA E HISTÓRIA PÚBLICA

A Idade Média tem sido um prato cheio para narrativas desde que se passou a falar nesse período como passado. Seja referindo-se a ela como uma era das trevas carregada de misticismo e atraso, seja como uma idílica idade de ouro cavaleiresca e harmônica. Atualmente circulam pela mídia de massas uma profusão de narrativas fílmicas, literárias, performativas, que endossam e ressignificam, mas, acima de tudo, agregam algo ao imaginário popular sobre a Idade Média.

Em geral, essas produções não contam com a presença de um historiador e as narrativas são umas mais e outras menos em consonância com o conhecimento histórico produzido pelos profissionais que se dedicam a essa tarefa. Entretanto, são essas produções, muito mais que o trabalho do historiador, que chegam nas mãos do público em geral, na forma de filmes, livros, séries, quadrinhos, novelas, festivais, animações, jogos, merchandise,

¹ Doutoranda pelo Programa de Pós Graduação em História da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul. Bolsista CAPES. E-mail: giovannamarteleto@gmail.com.



IV SEMINÁRIO INTERNACIONAL HISTÓRIA DO TEMPO 2021 PRESENTE UDESC - FLORIANÓPOLIS - SC



roupas, etc. É em grande parte da literatura que nascem ou se inspiram essas produções, endossando a perspectiva de Casarini e Federicis (2001) de que:

A literatura é sentida como uma das formas em que se auto-organiza e se auto-representa o imaginário antropológico e cultural, um dos espaços em que as culturas de formam, se encontram com outras culturas, as absorvem, pretendem confrontar-se ou conquistá-las; ou bem elas desenvolvem, no seu interior, modelos alternativos ao existentes, ou criam modelos e imagens do mundo que, através da retórica da argumentação e da persuasão, tratam de impor-se ao diferentes extratos de público que configuram o tecido social (CASARINI; FEDERICIS, 2001, p. 29).

Outras formas de manifestações culturais também são capazes de provocar essa organização do imaginário cultural, inclusive admitindo-se uma preponderância do audiovisual entre o público mais jovem, mas considera-se a existência de um diálogo constante entre as mais diversas produções (filmes, literatura, jogos, festivais, memes, etc) que fazem circular e renovar esse imaginário. Toma-se de princípio a análise sobre a literatura ao considerar que ela “oferece importantíssimos suportes e modelos para compreender e representar a vida interior, os afetos, as idéias, os ideais, as projeções fantásticas e também, modelos para representarmos nosso passado, o de nossa gente, e o dos povos, a história” (CASARINI; FEDERICIS, 2001, p. 29), mas essa consideração também deve ser estendida a outras formas de manifestação cultural.

Este trabalho tem por objetivo analisar uma obra literária, o primeiro livro da série *Crônicas Saxônicas* de Bernard Cornwell, intitulado *O último reino*, buscando compreender alguns dos mecanismos que fizeram essa história ficcional de um jovem medieval dialogar e repercutir na cultura popular contemporânea. Busca-se, essencialmente, compreender as relações que se estabelecem entre história, literatura, público e história pública observadas neste romance. De antemão destaca-se que, como um romance, obra literária, *O último reino* não se pretende como história. Entretanto, a narrativa ficcional é acompanhada da representação de acontecimentos históricos, fixada em um período e local bem determinados, a Europa medieval. Considera-se aqui a perspectiva de David Dean sobre a história pública no que tange a forma como o público percebe produções que representam a história de alguma forma:

Public history is about the ways in which the public engages with the past and about how the past is represented to the public. It is about the histories that the public creates, it is about preserving the past in the present for the



IV SEMINÁRIO INTERNACIONAL HISTÓRIA DO TEMPO 2021 PRESENTE UDESC - FLORIANÓPOLIS - SC



future, and it is about how the past is used in contemporary society and its audiences (DEAN, 2018, p. 2).

Desta forma, admite-se que o leitor pode perceber aquela narrativa como mais ou menos histórica, mas de qualquer forma ela passa a fazer parte do conjunto de referências que o leitor tem sobre aquele determinado período histórico. A análise que se segue abordará a obra através de teorias da leitura, considerando o suporte físico do livro e as pistas tipográficas que ele carrega, bem como os aspectos narrativos e os direcionamentos que o autor emprega para fazer a obra dialogar com o público. Neste sentido, procura-se compreender a natureza e os mecanismos desta produção cultural carregada de representações históricas.

O ÚLTIMO REINO

O livro *O último reino* foi selecionado como fonte deste estudo por ser o primeiro da série e não por alguma particularidade em relação aos outros. Uma análise sobre o conjunto de obras da série e mesmo sobre o conjunto de obras de Cornwell ou de outros autores de temática medieval, como J. R. R. Tolkien e George R. R. Martin (citando somente os mais conhecidos atualmente), revelaria aspectos que o estudo de uma obra isolada não consegue abarcar. Investigar a obra sem o restante do conjunto ao qual ela se insere significa perder algumas reflexões, mas assim também será possível analisar a obra como um todo, como uma unidade de sentido, aprofundando mais detalhadamente os aspectos do texto e da tipografia do livro que impactam na recepção pelo leitor.

Bernard Cornwell escreveu dezenas de romances históricos, dentre eles as séries *As Crônicas de Artur*, *A Busca do Graal* e *Crônicas Saxônicas*, para citar apenas os de temática medieval. O autor também é conhecido pela série *As aventuras de Sharpe*, composta por mais de vinte livros publicados desde 1981, e adaptada para a série de TV *Sharpe* durante os anos 1993-2008. *Crônicas Saxônicas* também ganhou uma adaptação para TV carregando o título do primeiro livro da série, *The Last Kingdom*. Esta foi ao ar em 2015 e já acumula 4 temporadas. O livro que dá nome à série de TV foi lançado no Reino Unido em 2004 e posteriormente traduzido e publicado no Brasil em 2006 pela Record. A história ganhou projeção e, seja pelos livros ou pela série de TV, foi assimilada pelo imaginário popular sobre a Idade Média e sobre os Vikings.



IV SEMINÁRIO INTERNACIONAL HISTÓRIA DO TEMPO 2021 PRESENTE UDESC - FLORIANÓPOLIS - SC



Antes de prosseguir para a análise se faz necessário esclarecer um pouco sobre a história que o livro conta. A narrativa de fundo histórico se passa entre os anos de 866 e 877, no local onde hoje se delimita a Inglaterra. O narrador e personagem principal, Uthred, é filho de um ealdorman, um nobre, e vê seu lar Bebbanburg (Bamburgo, Nortúmbria, UK) cair nas mãos dos dinamarqueses quando estes começam a invadir os reinos ingleses.

O garoto é capturado e ganha a afeição de um senhor dinamarquês, o earl Ragnar, que o cria como filho apesar de Uthred oficialmente ser um escravo inglês. Uthred cresce dividido entre a identidade inglesa e a dinamarquesa, pois apesar de ter nascido entre os ingleses e manter a vontade de retomar sua terra, estima mais os costumes e a religião dos dinamarqueses.

Aos dezesseis anos, Ragnar e sua família são assassinados e Uthred, que havia escapado com sua amiga Brida, parte para o sul. O rapaz é inserido pelo Rei Alfredo nas normas sociais inglesas, ganha tropas para comandar em troca de aprender a ler e se casar com uma moça de baixa posição social atrelada a uma dívida exorbitante com a igreja. Uthred luta contra os dinamarqueses e derrota o mais temido de seus líderes, fazendo um nome para si e se desenvolvendo como guerreiro. Por fim, retorna a sua esposa, já com um filho nos braços, mas sem se esquecer de sua terra natal, ainda ocupada por um usurpador e dominada pelos dinamarqueses.

A história, ainda que contada a partir do personagem principal, tem como pano de fundo os acontecimentos em torno do Rei Alfredo, o Grande (847–899). Neste período, os reinos ingleses enfrentaram invasões dos povos do norte, chamados comumente de nórdicos, pagãos ou vikings. Ao mesmo tempo, ocorria a fragmentação do Império Carolíngio, por diversos motivos como a descentralização do poder, mas também por invasões dos nórdicos, como seus vizinhos ingleses sofreram, e de outros povos.

O último reino foi trabalhado por Isabelle Maria Soares em sua dissertação de mestrado, na qual aborda a relação entre memória e história nos três primeiros livros da série Crônicas Saxônicas (*The Last Kingdom*, 2004; *The Pale Horsemen*, 2005; e *The Lords of the North*, 2006). A hipótese defendida pela autora é de que as obras em questão constituem um local de memória, fixando no tempo e transmitindo as memórias da época relatada (SOARES, 2018). Ainda que Bernard Cornwell esteja embasado em pesquisas históricas, é preciso enfatizar o caráter imaginativo das “memórias” criadas no livro. Mesmo considerando a



IV SEMINÁRIO INTERNACIONAL HISTÓRIA DO TEMPO 2021 PRESENTE UDESC - FLORIANÓPOLIS - SC



literatura um lugar de memória, o que a série fixa é antes o imaginário contemporâneo sobre o local e período em questão do que a memória dele. A memória, pessoal e coletiva, é mutável, sempre entremeada de recordar e esquecer, vive e é resgatada pela necessidade do presente (LOWENTHAL, 1985).

ATOS DE LEITURA E ASPECTOS EXTERNOS

Para tentar compreender a relação do público com a obra e com a história representada através dela, partiremos das pistas que o próprio livro pode nos dar. De início, é preciso pensar no ato que liga o leitor e a obra, a própria leitura. Segundo Roger Chartier (2001), é preciso reconhecer a leitura como uma prática criadora que não se restringe ao sentido que o autor originalmente concebeu. Isso acontece, pois, a leitura opera desvios e resistências por parte dos leitores. Os atos de leitura estão inseridos em práticas “coletivas ou individuais, herdadas ou inovadoras, íntimas ou públicas” (CHARTIER, 2001, p. 78), que são dadas também pelo livro no que concerne a seu aspecto tipográfico, este também seguindo os hábitos do período em que se insere. Chartier (2001) atenta ao fato que às vezes uma determinada edição que carrega a leitura implícita intencionada pelo editor se sobrepõe, até contraditoriamente, àquela intencionada pelo autor. Em síntese, os elementos tipográficos influenciam, com frequência mais do que os textuais, na leitura, carregando normas e direcionando a experiência final:

Existe aí um primeiro conjunto de dispositivos resultantes da escrita, puramente textuais, desejados pelo autor, que tendem a impor um protocolo de leitura, seja aproximando o leitor a uma maneira de ler que lhe é indicada, seja fazendo agir sobre ele uma mecânica literária que o coloca onde o autor deseja que esteja (CHARTIER, 2001, p. 97).

Faltam aqui as pistas para resgatar uma possível sobreposição de interesses entre Cornwell e os editores responsáveis pela publicação. Entretanto, observa-se alguns direcionamentos, a começar pela nota de tradução. Nela são indicados usos arcaicos feitos pelo autor, de algumas palavras e a manutenção de demoninações antigas que atualmente são traduzidas de outra forma, como *earl*, comumente traduzido como conde (CORNWELL, 2018, p. 6). A preservação da grafia arcaica é um meio de aproximar o leitor do período representado, ao mesmo tempo tendo um caráter didático e apelativo: podemos dizer que *earl*



IV SEMINÁRIO INTERNACIONAL HISTÓRIA DO TEMPO 2021 PRESENTE UDESC - FLORIANÓPOLIS - SC



parece mais antigo, mais medieval, mais interessante para o leitor interessado na temática do que conde, que evoca um imaginário mais relacionado com o período moderno. Com intuito semelhante, o termo *lord* foi traduzido por senhor para evitar a associação com o sentido nobiliarquico moderno de lorde. Explicita-se aí uma primeira condução da leitura que enquadra os termos no seu tempo e direciona o leitor à leitura considerada “correta” da obra pelos produtores.

A mesma ação se repete na listagem de topônimos e no mapa que segue o sumário. O autor destaca que não havia um padrão para a escrita do nome dos locais citados na obra e que por “capricho” optou pelos que utilizou (CORNWELL, 2018, p. 11), ainda que a maioria esteja documentada no *Oxford Dictionary of English Place-Names*. O leitor pode assim acompanhar a trajetória do protagonista e refazer o caminho tendo a referência dos nomes atuais. Até o próprio Castelo de Bamburgo, local em que se inicia a narrativa e sempre lembrado por Uthred ao longo da história, pode ser virtualmente visitado pelo google, tanto por fora quanto por dentro. Mesmo sem o recurso virtual, o mapa que inicia o livro já localiza o leitor, que pode retornar a ele conforme a história se desenrola e o protagonista percorre os reinos, cidades e rios ingleses. A história narra diversas batalhas, influenciadas pelas condições do local onde se realizam. Esses detalhes são tratados na narrativa, mas têm seu local também num aprendizado sobre o relevo e geografia inglesa que se dá ao longo da leitura.

O sumário divide o livro em três partes: Uma infância pagã, O último reino e A parede de escudos. Estas são precedidas de um prólogo intitulado Nortúmbria, 866-867 d.C., que apresenta o personagem principal e trata da batalha em que o reino da Nortúmbria cai para os dinamarqueses, Uthred fica órfão e é capturado por Ragnar. É o período em que Bebamburgo ainda pertence ao protagonista e que inicia a série de problemas e a trama em que ele se insere. O título das partes resume do que cada uma trata, a parte da infância e juventude em que viveu com os dinamarqueses e aprendeu seus costumes, o período em que restava apenas um reino, Wessex, para ser conquistado pelos dinamarqueses, e os acontecimentos que levam Uthred à batalha final em que finalmente toma parte em uma parede de escudos.

Com pouca informação sobre a trama do livro, os títulos já revelam o que esperar da história. Reservando um pouco de suspense, cada parte é dividida em capítulos, nomeados apenas com o número correspondente, sendo onze ao total. Ainda dentro de cada capítulo



IV SEMINÁRIO INTERNACIONAL HISTÓRIA DO TEMPO 2021 PRESENTE UDESC - FLORIANÓPOLIS - SC



existe outra demarcação. Em determinados pontos aparecem espaços de cerca de duas linhas entre um parágrafo e outro. Esses espaços demarcam um acontecimento ou informação importante, que precisa ser lembrado posteriormente, ou que é determinante para a história.

Durante o prólogo houve a ocorrência desses espaços em três momentos, quando o irmão mais velho de Uthred morre e ele recebe seu nome e a posição de herdeiro, (CORNWELL, 2018, p. 23) quando ele parte para guerra pela primeira vez (CORNWELL, 2018, p. 26) e quando o exército de seu pai ataca os dinamarqueses ignorando o alerta de uma emboscada, que se comprovou logo em seguida (CORNWELL, 2018, p. 33). Ao longo dos outros capítulos isso se repete, auxiliando o leitor a demarcar e reter partes importantes da narrativa.

Ao final do livro, o autor reserva algumas páginas para um trecho intitulado de Nota Histórica. Nele, Cornwell demarca o papel preponderante da personagem de Alfredo, o Grande como centro da narrativa da série Crônicas Saxônicas. Entretanto, Uthred é o personagem principal de O Último Reino e Alfredo aparece de modo secundário, importante ainda, mas longe de ser um protagonista cativante ou mesmo um antagonista detestável. A Nota Histórica do livro inverte essa dinâmica e deixa Uthred, que afinal é um personagem fictício, de lado. Cornwell afirma que apesar de fantasiar à vontade sobre acontecimentos históricos, “o romance se baseia o máximo possível em acontecimentos reais” (CORNWELL, 2018, p. 361). O autor aponta como fontes principais para o período os manuscritos da Crônica Anglo-saxã e A vida do rei Alfredo do Bispo Asser, mas ao discutir a validade ou não deste último admite não ser qualificado para avaliar as discussões acadêmicas sobre as fontes (CORNWELL, 2018, p. 359).

Cornwell apresenta alguns esclarecimentos sobre os “vikings” a começar pela demoninação que é adotada ao longo do livro, dinamarqueses, e discorre sobre incoerências populares como o uso de elmos com chifres. O autor aponta personagens da trama que existiram historicamente e os que foram criados, como o protagonista. Identifica eventos narrados no romance que teriam acontecido e destaca alterações que fez na história, como adiantar a morte do dinamarquês Ubba e mudar o local de batalhas famosas.

A lista de nomes e locais no início do livro, a desmistificação de incoerências populares, a indicação de fontes pesquisadas e o cuidado em apontar as mudanças que fez em relação a datas e locais de acontecimentos históricos indicam ao leitor que o autor tem



IV SEMINÁRIO INTERNACIONAL HISTÓRIA DO TEMPO 2021 PRESENTE UDESC - FLORIANÓPOLIS - SC



conhecimento sobre o período representado na narrativa e que realizou uma boa quantidade de pesquisa para trazer aquelas informações. Independentemente do nível de conhecimento de Cornwell sobre a Idade Média, do rigor empregado na pesquisa sobre o tema ou da capacidade de análise e reflexão sobre as fontes que o autor cita, o livro passa a impressão ao leitor leigo de ser confiável, de que o autor, mesmo não sendo um historiador, sabe o suficiente para criar um romance fidedigno sobre o período e de que aquelas informações são confiáveis e históricas.

O PAPEL DO LEITOR, DO AUTOR E DO TEXTO

Assim como o leitor imagina o autor, o conhecimento que possui ou não, o que o levou a escrever e como escreveu uma determinada obra ou não, também o autor imagina o leitor e deixa transparecer no texto que ideia de leitor será o público da obra. Umberto Eco afirma que “todo texto quer que alguém o ajude a funcionar” (ECO, 2011, p. 37), ou seja, que o autor produz um texto imaginando um leitor munido de um conjunto de competências para realizar essa tarefa. É uma referência do autor para que o texto funcione como planejado, um “leitor-modelo” (ECO, 2011). Penso que um texto efetivo é aquele em que o leitor, não tendo os referenciais do autor, amplia sua própria bagagem no decorrer no texto, seja pelas ferramentas dadas pelo autor no próprio texto, seja por uma pesquisa externa ao texto.

Há textos, é claro, que anunciam logo de início um determinado “público” ao qual se dirigem, mas mesmo dentro de um grupo específico ainda existem muitas lacunas a preencher. Eco (2011) acrescenta à ideia de leitor-modelo a possibilidade de o autor formá-lo ao longo do texto. Ainda que o leitor não tenha os referenciais para preencher as lacunas conforme o esperado pelo autor, este último pode direcionar o texto dando pistas ao leitor para que ele o faça. Aos poucos, um leitor que não o esperado pelo autor, assim se torna pelas ferramentas que encontra no texto.

Paul Ricoeur busca uma teoria da leitura que dê ênfase na resposta do leitor aos estratégias do texto e do autor e encontra-a na afetação do leitor provocada pela obra: “Esser afetado tem de notável o fato de combinar, numa experiência de tipo particular, uma passividade e uma atividade que permitem designar como recepção a própria ação de lê-lo” (RICOEUR, 1997, p. 286). Ricoeur retoma o conceito de W. Iser de “ponto de vista viajante” que afirma que o texto não se percebe de uma só vez pois o leitor, que está inserido no texto,



IV SEMINÁRIO INTERNACIONAL HISTÓRIA DO TEMPO 2021 PRESENTE UDESC - FLORIANÓPOLIS - SC



viaja com ele à medida que a leitura avança. Disso pode-se pensar pelo menos duas coisas, a primeira que, sendo impossível ler o texto todo ao mesmo tempo, a percepção de um texto é progressiva, conforme se avança na leitura se percebe mais o texto. E segundo, que o próprio leitor se modifica ao longo da leitura, não sendo ao final do livro o mesmo leitor que o iniciou.

Cornwell emprega algumas estratégias para auxiliar o leitor ao longo da leitura. Transparece que não se espera que o leitor tenha muito conhecimento sobre a história medieval, ao longo de todo o livro o contexto é explicado na narrativa de Uthred. Tanto práticas comuns quanto a organização social são exemplificadas e “ensinadas” ao leitor, seja discorrendo sobre elas ou repetindo a informação. Isso pode até ser um objetivo do autor, mas não deixa de pressupor um leitor que precisa ou deseja adquirir esses conhecimentos ao longo da narrativa. Um exemplo disso é um diálogo em que Ragnar explica a Uthred como obtém informações sobre o então irmão do rei de Wessex, Alfredo:

- Como você sabe sobre Alfredo? - perguntei.
- Espiões, Uthred, espiões. Principalmente comerciantes. Eles conversam com as pessoas em Wessex, por isso sabemos tudo sobre o rei Æthelred e seu irmão Alfredo (CORNWELL, 2018, p. 70).

Se por espiões o leitor já não deduz o restante, a indicação de que eram os comerciantes que coletavam informações já bastaria. Entretanto o narrador explica exatamente como esses comerciantes realizam a espionagem. Por um lado, isso retira o espaço do leitor de complementar o texto, de imaginar como isso ocorre, fazendo com que o livro esteja mais “acabado” do que necessariamente poderia estar, por outro conduz o leitor ao sentido exato que o autor concebeu.

Um pouco mais adiante na narrativa, Uthred presencia a repetição, ainda mais detalhada dessa informação: “- Durante todo o inverno, garoto, nossos comerciantes estiveram em Mércia. Vendendo peles, vendendo âmbar, comprando minério de ferro, comprando malte, e eles falam e ouvem, e voltam e nos contam o que ouviram” (CORNWELL, 2018, p. 79). Até mesmo os produtos comercializados foram listados, determinando também o que era de interesse dos dinamarqueses no comércio inglês. Se restava ao leitor alguma dúvida ou algum espaço para imaginar e completar a história, este foi preenchido pelo autor previamente. Para Umberto Eco, o leitor precisa dar significado ao



IV SEMINÁRIO INTERNACIONAL
HISTÓRIA DO TEMPO
2021 PRESENTE
UDESC - FLORIANÓPOLIS - SC



texto, fazendo relacionar o que está escrito com códigos de significados. É do leitor, também, a tarefa de “completar” o texto, preenchendo espaços vazios que foram deixados (ECO, 2011). O texto é assim um esforço conjunto entre o autor e o leitor. O primeiro deixa espaços para serem preenchidos pelo segundo, que por sua vez atualiza o texto com seu referencial próprio. É em parte por isso que às vezes dizemos que um texto de décadas atrás ainda é “tão atual”, que fala de problemas “recentes”.

O referencial do leitor pode ser capaz de identificar e relacionar as questões apresentadas pelo autor, com outras que ele nem teria imaginado. Portanto, em parte, é o leitor que faz o texto estar em sintonia com seu tempo. Sobre este ponto há de se levar em conta também a capacidade do texto de falar sobre questões amplas da humanidade que por muito tempo foram e serão relevantes, ou mesmo a permanência de problemas sociais que se modificam, mas que em essência continuam a nos afetar. Paul Ricoeur também aborda a necessidade do leitor “completar” o texto literário, afirmando que “somente pela mediação da leitura é que a obra literária obtém a significação completa” (RICOEUR, 1997, p. 275). A significância de uma obra se dá na interseção entre o mundo do leitor e o mundo do texto, e essa interseção só ocorre através da leitura. A leitura é, portanto, a forma de colocar em confronto (ou diálogo) esses dois mundos, e daí então fazer surgir a significância completa.

Inicialmente, me questionei até onde O último reino era capaz de fazer os problemas de um garoto do século IX ecoarem no público contemporâneo. Mas, dentre outras questões, a história se desenrola como um conflito de identidade, Uthred nasceu inglês, mas detestava as práticas inglesas que eram diretamente ligadas ao cristianismo. Ele encontra na cultura dinamarquesa uma identificação, entretanto eles são inimigos e governam sua terra. Ao longo da história, Uthred pondera sobre o que ele é (inglês, dinamarquês, cristão, pagão, ealdorman legítimo), sobre o que quer ser (guerreiro, ealdorman de fato), e como vai chegar a ser o que deseja (como um ealdorman, aliando-se, submetendo-se, aprendendo a ler, casando-se).

No meio de seu conflito descobre uma identidade intermediária, sceadugengan, os Andarilhos das Sombras. Estes eram criaturas misteriosas da noite que se moviam como sombras e podiam mudar de forma, histórias que haviam sido contadas ao protagonista antes dos fatos que se passam na narrativa. Ele sonha em adquirir esse poder e se tornar também um sceadugengan, assim seria mais forte que os dinamarqueses e poderia reaver Bebamburgo. O narrador declara que se tratava de uma figura para suprir sua falta de poder para resolver os



IV SEMINÁRIO INTERNACIONAL HISTÓRIA DO TEMPO 2021 PRESENTE UDESC - FLORIANÓPOLIS - SC



problemas: “Era um sonho infantil, claro. Quando a gente é jovem e impotente sonha em possuir força mística, e quando cresce e fica forte condena as pessoas inferiores a esse mesmo sonho, mas quando eu era criança queria o poder dos sceadugengan” (CORNWELL, 2018. p. 74). Para Teresa Colomer (2001), a leitura é uma contínua construção de sentido, experiência vivida durante o aprendizado que se relaciona com diversos fatores. Dentre os múltiplos elementos que a autora discorre, destaca-se:

A possibilidade de multiplicar ou expandir a experiência do leitor através da vivência dos personagens e a oportunidade de explorar a conduta humana de um modo compreensível. Como já foi dito em repetidas ocasiões, a literatura permite “ser outro sem deixar de ser o mesmo”, uma experiência que, como a do jogo, oferece o mistério de permitir ser e não ser - ou ser mais de uma coisa - ao mesmo tempo. É através dessa experiência tão particular de sonhar-se a si mesmo que dá ao leitor um instrumento poderoso de construção pessoal e uma completa dimensão educativa sobre os sentimentos e ações humanas. (COLOMER, 2001, p. 61)

Neste sentido, ideia de Uthred sobre os andarilhos das sombras reverbera em qualquer super-herói que fascina crianças e adolescentes com seus poderes e capacidade de enfrentar desafios. Os sceadugengan de Uthred são a resposta para não ser nem inglês, nem dinamarquês, e possuir um poder mágico que resolveria seus problemas sem ter que assumir uma identidade ou outra. Por fim, já adulto, Uthred incorpora essa figura em um momento decisivo:

Tinha de viver meu sonho de infância, de caminhar nas sombras, e Leofric e Edor não liderariam os cem homens até o rio enquanto não vissem os dinamarqueses correndo para resgatar os navios, e se eu não pudesse pôr fogo nos navios não haveria ataque, os temores de Odda voltariam e os dinamarqueses venceriam. (CORNWELL, 2018, p. 339)

Trazendo o conflito de identidade de Uthred e entrelaçando-o na narrativa com os elementos históricos, O último reino encontra um espaço para tocar o leitor e fazê-lo adentrar na imaginação de um passado que é um tanto histórico e um tanto fictício. O conhecimento histórico, também como representação, tem a capacidade de proporcionar uma ampliação existencial, permitindo transitar e conhecer outros estratos temporais e experiências que não podemos viver na atualidade (SÁNCHEZ MARCOS, 2012). Nesta obra, o recurso à



IV SEMINÁRIO INTERNACIONAL **HISTÓRIA DO TEMPO 2021** PRESENTE UDESC - FLORIANÓPOLIS - SC



identificação do leitor possibilita a reflexão integrando o conflito do protagonista com acontecimentos históricos representados na obra.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O conjunto de estratégias empregadas para condução da leitura em *O Último Reino* indicam que a obra foi produzida para auxiliar o leitor ao longo do percurso. No que tange à história medieval e às explicações de questões sociais, o leitor imaginado parece precisar ou desejar “aprender” sobre o funcionamento social do período. A indicação de nomes e locais leva o leitor cuidadosamente a percorrer o caminho da leitura, confiante e seguro. O autor opera repetições e explicações diversas para que nada se perca no caminho. Entretanto, os espaços que o leitor poderia ter para complementar a obra são reduzidos pelo excesso de direcionamento. O imaginário sobre a Idade Média é delineado pelo autor e conta com pouca contribuição por parte do leitor, que o recebe cheio de descrições e explicações. Ainda assim, a história contada em *O último reino* encontra espaço para tocar o leitor do século XXI e fazê-lo se identificar com a história de um jovem medieval.

Pode-se ainda considerar os esclarecimentos da Nota História como uma forma de enfatizar a autoridade do autor sobre o assunto. Seja ela válida ou não, pode ser percebida pelo leitor como verdadeira. Isso nos leva a uma segunda consideração, podemos supor que essas estratégias existem pois há uma demanda do público por uma narrativa fidedigna. Resalto que, mais importante do que apontar se a representação histórica apresentada pelo livro é coerente com o conhecimento acadêmico ou não, é identificar as estratégias e características que fazem essa obra reverberar com o público e se desenrolar em tantas outras produções, como séries de tv, filmes, festivais, etc, ampliando a compreensão sobre as formas como a história pode ser apresentada ao público e recebida por ele.

REFERÊNCIAS

CHARTIER, Roger. Do livro à leitura. In.: CHARTIER, Roger (org.). **Práticas de leitura**. Tradução: Cristiane Nascimento. 2. ed. São Paulo: Estação Liberdade, 2001, p. 77-105.

COLOMER, Teresa. **Andar entre livros: a cultura literária na escola**. Tradução: Laura Sandroni. São Paulo: Global, 2001.



IV SEMINÁRIO INTERNACIONAL
**HISTÓRIA DO TEMPO
2021** PRESENTE
UDESC - FLORIANÓPOLIS - SC



CORNWELL, Bernard. **O Último Reino**. 20. ed. Tradução: Alves Calado. Rio de Janeiro: Record. 2018. (Crônicas Saxônicas v. 1).

DEAN, David. Introduction. In.: DEAN, David (Ed.). **A companion to public history**. Hoboken, NJ: Wiley Blackwell, 2018, p. 1-12.

ECO, Umberto. **Lector in fabula: a cooperação interpretativa nos textos narrativos**. Tradução: Attílio Cancian. São Paulo: Perspectiva, 2011.

LOWENTHAL, David. **The past is a foreign country**. Cambridge: University Press, 1985.

RICOEUR, Paul. **Tempo e narrativa** - Tomo III. Tradução: Roberto Leal Ferreira. Campinas/SP: Papyrus, 1997.

SÁNCHEZ MARCOS, Fernando. **Las huellas del futuro: historiografía y cultura histórica en el siglo XX**. Barcelona: Universitat de Barcelona, 2012. [E-book]

SOARES, Isabelle Maria. **Entre anglo-saxões e escandinavos: história e memória em *Saxon Stories***, de Bernard Cornwell. Guarapuava, 2018. 150f. Dissertação (Mestrado em Letras) – Programa de Pós-Graduação em Letras, Universidade do Centro-Oeste.